

BLIZZARD ENTERTAINMENT

# Na Trilha da Dúvida

---

Matt Burns

A guerra começou ao alvorecer, como sempre.

Benu e outros dez feiticeiros do Clã das Sete Pedras se embrenharam no coração do Teganze, velozes e silenciosos como panteras. O leve chocalhar dos patuás de osso e ferro pendurados em suas máscaras tribais eram a única evidência de sua presença. Pintados de branco, amarelo e vermelho e adornados com penas brilhantes de bokai, seus corpos se fundiam com a selva vibrante que os cercava.

O dossel esmeralda sobre suas cabeças logo se tornou mais espesso, deixando tudo abaixo na mais completa escuridão. Benu apurava os ouvidos ao menor som, procurando pistas que revelassem qualquer movimento... pistas de sua presa humana.

O *Igani Bawe*, a Colheita de Almas, havia começado.

Era a primeira guerra ritual de Benu, e as batidas de seu coração ansioso retumbavam como trovões. Em algum lugar na selva, talvez bem próximo, feiticeiros rivais das tribos das Cinco Colinas e do Vale Nublado caçavam também, convocados pelos sumo sacerdotes de suas tribos exatamente como havia acontecido com Benu e sua família.

O grupo do Clã das Sete Pedras parou para descansar dentro dos limites das Cinco Colinas. Dois feiticeiros se esgueiraram entre as árvores à frente, em busca de sinais dos inimigos.

— A proximidade da batalha o faz *tremar*? — sussurrou o ancião Ungate para Benu. Um único chifre de marfim, coroado com plumagem violeta, se estendia do topo de sua assutadora máscara de madeira.

— Não — respondeu Benu.

— Mostre-me sua mão.

Benu respirou fundo para se acalmar antes de obedecer. Ele percebeu orgulhoso que sua mão estava estática.

— A proximidade da batalha o faz *temer*? — Ungate aproximou-se, baixando a voz.

— Todo homem teme. Assim são as coisas neste mundo de sombras. Minha mão permanece imóvel porque sei desta verdade. Se me esconder dela, a emoção me controlará — respondeu o jovem feiticeiro.

Ungate pousou a mão sobre o ombro de Benu num gesto de aprovação, e o iniciante suspirou aliviado. Benu não sentia medo, mas a ansiedade o tomava. Este dia havia sido aguardado durante todos os longos anos de treinamento. Não havia honra maior que combater no Igani. A antiga cerimônia havia permitido que seu povo e sua fé durassem gerações, e ao entardecer, quando a caça acabasse, Benu voltaria para casa vitorioso ou teria morrido pelas mãos de uma tribo rival.

Qualquer que fosse o resultado, ele seria honroso a seu modo. Se capturasse oferendas, Benu conquistaria a glória e a admiração de seus iguais. Se fosse pego, seu espírito se livraria do mundo de sombras e adentraria a realidade do Mbwiru Eikura, as Terras Nebulosas.

Era esse o destino de um feiticeiro, um guardião da herança umbaru, uma ponte viva entre este e o outro mundo. Havia sido sempre assim para eles. E seria sempre assim.

— Viver é sacrificar. — Benu levantou a cabeça e encheu o peito, orgulhoso.

Ungate completou o antigo ditado umbaru:

— Sacrificar é viver.

Um batedor emergiu da floresta que os cercava fazendo sinais com as mãos para relatar o que havia visto, um feiticeiro das Cinco Colinas. Sozinho.

Os guerreiros imediatamente entraram em ação e organizaram-se em semicírculo, avançando sobre a vegetação rasteira. A selva raleou, e eles entraram numa região conhecida como Colinas de Névoa. Rapidamente encontraram o homem envolto nas nuvens baixas que cobriam o local. Tratava-se de um feiticeiro velho, portando uma máscara tribal tão desgastada e cheia de escaras quanto a própria pele.

Ungate ajoelhou-se e sacou do cinto uma zarabatana do comprimento de seu antebraço, posicionando-a em seguida na abertura de sua máscara. O dardo que zuniu estava embebido em veneno de sapos uapa e atingiu as costas do homem antes mesmo que ele percebesse que havia sido encontrado. A paralisia foi imediata, e o velho caiu sobre os joelhos, o efeito esperado do veneno. A intenção era apenas ferir e capturar — matar oponentes neste estágio do Igani era um tabu deplorável.

Obviamente derrotado e em minoria, o feiticeiro inimigo entregou-se como os costumes ditavam.

— Sete Pedras, — disse ele, — vocês avançaram longe sobre as minhas terras.

— Para encontrar um tributo valioso. — respondeu Ungate. — Você é o grande Zuwadza, não é?

— Sim. — O velho baixou a cabeça.

Benu observou tudo de longe, buscando aprender com os movimentos do companheiro mais experiente. O jovem havia estudado bem as regras da batalha, mas vê-las acontecendo diante dos olhos o preencheu com um sentimento de completude, de culminação de tudo que ele havia aprendido e considerava certo.

— Você é melhor guerreiro que eu. — Ungate deu um passo e abraçou Zuwadza. — Aqui somos inimigos, mas no Mbwiru Eikura nós somos irmãos na eternidade. Espero encontrá-lo nas Terras Nebulosas.

Zuwadza se levantou sozinho, sentindo os efeitos do veneno diminuírem. Benu baixou o queixo em respeito quando ele se aproximou. Ele invejava o ancião. À noite, os sumo sacerdotes acabariam com seu sofrimento. O sangue e os órgãos do ancião seriam oferecidos aos espíritos das Terras Nebulosas não apenas para nutrir o reino para os que viriam depois, mas também para fortalecer este mundo. Colheitas fartas, as mudanças de estação e as próprias vidas dos umbaru dependiam desse sacrifício. Ele era um herói aos olhos de Benu.

O grupo partiu na direção de casa. Zuwadza manteve os costumes do *Te Wok Nu'cha*, a Marcha Final. Manteve a cabeça erguida, em paz com o destino que o aguardava.

— Deixem-no! — Uma voz cortou a névoa assim que Benu e seus companheiros chegaram aos limites da selva. O grupo inteiro, incluindo Zuwadza, rodopiou confuso, procurando a origem da voz.

— Deixem-no e vão. Não há razão para ceifar-lhe a vida. Ele ainda tem muito a ensinar. — Um feiticeiro surgiu por entre a bruma, adornado com pinturas, penas e uma máscara, como todos os participantes do Igani. Pelas marcas em seu corpo, Benu soube que ele era das Cinco Colinas.

— Eu sou deles, essa é a lei — disse Zuwadza. Pelo seu tom, pareceu que o que estava acontecendo não o surpreendia. — Eles agem como foram ensinados.

— Os espíritos não querem sua vida, mestre — respondeu o outro feiticeiro das Cinco Colinas.

Ungate apontou a adaga cerimonial para o rival e acusou:

— Você errou ao interromper o *Te Wok Nu'cha*.

— É o que os sumo sacerdotes dizem a você. Eles fazem estas guerras, não os espíritos. As vidas deste reino não deveriam ser extirpadas tão facilmente. Não há razão para este sacrifício... este Igani. Esta é uma ferramenta de medo e controle.

Os companheiros de Benu sussurraram desaprovações. Ele mesmo também se deixara tomar pela fúria. Não havia sequer histórias de alguém desafiando as leis sagradas do Igani. Era óbvio que este homem estava tomado pela loucura.

— Desapareça! — urrou Ungate.

O jovem feiticeiro das Cinco Colinas ignorou a ordem, caminhando para a frente com as mãos espalmadas ao céu:

— Eu ofereço vida a todos vocês. Voltem para sua vila. Perguntem aos sumo sacerdotes o que eles viram nas Terras Nebulosas, o que os espíritos disseram. Eu desejo apenas poupar meu mestre.

Em estado de fúria, Benu sacou uma adaga e saltou na direção do herege, que rapidamente estendeu a mão e lançou um feixe de energia azul esverdeada. A seta espiritual acertou o alvo com eficiência. Ao ser atingido no ombro, Benu foi atirado no chão, momentaneamente desorientado.

— Soltem meu mestre. É tudo que peço! — pediu o homem.

Ungate e seus aliados atacaram ao mesmo tempo. Com os olhos repletos de arrependimento, o intruso das Cinco Colinas baixou a mão e gritou uma mandinga letal, o que era proibido no Igani. Os guerreiros das Sete Pedras caíram sobre os joelhos e agarraram as gargantas enquanto uma espuma violeta borbulhava para fora de suas bocas. Depois de apenas alguns segundos, os companheiros de Benu jaziam inertes no chão.

— Você é jovem. — O herege lançou um olhar para ele. — A verdade o tocará mais facilmente.

Benu tentou alcançar a adaga, que caíra no chão, mas o outro feiticeiro a chutou para longe. Em meio à bruma, vozes distantes se levantavam. Gritos e clamores certamente atraídos pela luta.

— Minha família — disse o inimigo — se eles o encontrarem, você será sacrificado.

— Uma morte honrosa! — gritou Benu. O massacre que testemunhara e a morte desonrosa de seus companheiros fizeram brotar lágrimas de seus olhos. — Você não sabe nada sobre honra!

— Não. Você mal experimentou a vida, não vê as bênçãos. *Você está cego.*

As últimas palavras ecoaram nos ouvidos de Benu. Uma mandinga. Sua visão esmaeceu, e ele se debateu selvagemmente.

— Você aceita as ordens dos sumo sacerdotes. *Você se curva diante do medo.*

Outra maldição tomou conta de Benu. Seus medos mais profundos agitaram-se em sua alma, preenchendo-o com o mais incontrolável dos horrores. Mesmo cego ele sentia seu corpo correr pela selva, e de alguma maneira sabia onde pousar os pés. Durante todo o tempo a voz do herege, o homem que havia profanado o primeiro Igani de Benu, sussurrava como um fantasma ao seu lado:

— Vá. Corra para casa. Procure em lugares invisíveis. Faça perguntas sem resposta. Busque a verdade.

\*\*\*\*\*

— Não conte isso a ninguém — ordenou Guwate'ka. O mais velho dos sumo sacerdotes das Sete Pedras estava de pé diante de Benu, os adornos na cabeça do homem estendendo-se um metro acima de sua testa franzida. Ele estava coberto em tinta branca da cabeça aos pés, preparado para os sacrifícios rituais que logo teriam lugar.

— O espíritos sabem que você agiu honradamente, Benu. Não é culpa sua — disse outro sumo sacerdote. Ao todo, cinco dos líderes mais velhos do Clã das Sete Pedras se amontoavam na cabana. Benu os havia procurado imediatamente ao chegar à aldeia, e havia contado os hediondos eventos que havia testemunhado.

Benu balançou a cabeça, concordando, mas a raiva crescia dentro dele. Ele se sentia sujo, e se perguntava se os espíritos realmente entendiam que ele havia tentado, com todas as forças, impedir o herege.

— Venha. — Guwate'ka se virou para sair da cabana.

Do lado de fora, uma fogueira crepitava no centro da aldeia. Feiticeiros balançavam seus corpos no limite do calor infernal, batendo seus pés com força ao ritmo de tambores enquanto uma multidão de aldeões assistia e entoava um cântico ritmado e medonho. Tochas tremeluziam como vaga-lumes por entre as cabanas espalhadas, carregadas por homens e mulheres que aprontavam moringas manchadas de sangue para as oferendas da noite.

Benu observou quais feiticeiros haviam retornado e quais não estavam presentes. Além do resto de seu grupo, dez guerreiros do clã não voltaram para a aldeia. Ele os imaginou nas aldeias das Cinco Colinas e do Vale Nublado, besuntados em óleos rituais e preparados para a jornada para o Mbwiru Eikura exatamente como estavam as oferendas de seu próprio clã.

A aldeia inteira entoou um canto de respeito e admiração enquanto participantes da cerimônia levavam o primeiro prisioneiro para a fogueira. Guwate'ka se aproximou da oferenda segurando uma adaga de metal ornamentada.

— Nós o celebramos! — berrou o sumo sacerdote. — Nós o oferecemos para a maior das tribos, onde todos os umbaru são um só. Nesta noite cantaremos para honrar seu sacrifício, pois ele é grandioso.

— E quanto vocês chegarem às Terras Nebulosas, eu estarei lá para recebê-los — a oferenda disse calmamente.

O braço de Guwate'ka deslizou num movimento lateral, cortando o pescoço do feiticeiro com precisão. A oferenda não gritou ou se contorceu em agonia. Morreu com honra como deveria. O que era a dor deste mundo comparada à gloriosa eternidade que o aguardava no reino de lá?

O sumo sacerdote virou a cabeça para o céu e esticou os braços, o corpo tremendo violentamente. Uma impressionante aura azul se formou em volta dele, iluminando seu corpo.

Benu viu o ancião entrar em Transe Fantasma, um estado que permitia a alguns umbaru contemplar o Mbwiru Eikura. O jovem feiticeiro conhecia bem o ritual. Como todos que partilhavam de sua vocação, ele havia nascido preso às Terras Nebulosas. Sua ligação era mais forte que a dos demais, mas nem se comparava à dos sumo sacerdotes. Benu via apenas vultos no outro mundo, mas diziam que os líderes de seu clã comungavam diretamente com os espíritos, obtendo assim conhecimento e ordens a ser seguidas.

Participantes da cerimônia correram para coletar o sangue do sacerdote morto em artefatos de barro. O corpo da oferenda foi eviscerado, e seus órgãos cuidadosamente, e talvez até com carinho, removidos e dispostos em jarros.



Guwate'ka saiu do transe instantes depois, e com os olhos desfocados observou os aldeões esbaforidos, como que se reacomodando no mundo físico. O tempo nas Terras Nebulosas era diferente daqui, Benu havia aprendido. Um transe poderia durar minutos nos reinos de lá, enquanto apenas alguns segundos haviam passado aqui.

— A oferenda chegou ao Mbwiru Eikura, e ela canta a canção de agradecimento! — Guwate'ka anunciou.

Os aldeões aplaudiram em júbilo. Lágrimas escorriam de alguns rostos.

Era meia-noite quando a última das oferendas foi libertada. Os aldeões se dirigiram para longas cabanas de madeira onde se banqueteariam e falariam dos feiticeiros cujas vidas haviam sido ofertadas. A celebração prosseguiria até de manhã. Benu demorou-se perto do fogo enquanto seus companheiros se dispersavam.

Algo o perturbava, uma preocupação distante. Horas haviam se passado desde seu encontro com o pupilo de Zuwadza, mas a voz do mentecapto permanecia em sua mente, intrusa.

“Procure em lugares invisíveis. Faça perguntas sem resposta.”

Benu cerrou os punhos. Não eram as palavras do feiticeiro rival que o perturbavam, mas o pensamento de que ele havia sido amaldiçoado pelo herege, mesmo que os sumo sacerdotes o houvessem tranquilizado.

Havia algo mais. Ele sentia que garras acenavam do véu entre os mundos, chamando-o com sussurros sem som.

O jovem feiticeiro vagou até os limites da aldeia, para longe da agitação e das canções que vibravam as cabanas em festa. Entrar em Transe Fantasma após o Igani era proibido para aqueles na categoria de Benu. Os sumo sacerdotes diziam que isso desorientaria as almas das oferendas sacrificadas recentemente, mas Benu queria, *precisava*, saber o que pensavam os espíritos.

Tudo teria que ser feito rapidamente.

Ele desejou que seu espírito se separasse de sua carne. Lágrimas quentes e leitosas escorreram por seu rosto. A cada gota, o mundo à sua volta se esvanecia um pouco mais, revelando a topografia disforme e nebulosa do Mbwiru Eikura. Energia pura chamejava no céu sem iluminar a terra em constante transformação abaixo dele.

— Eu permaneço em graça? — ele perguntou.

Em resposta, uma dúzia de figuras com olhos brancos como giz e corpos feitos de escuridão puseram-se diante dele. Seus traços eram impossíveis de discernir, mas graças à sua rara ligação com as Terras Nebulosas, ele os reconheceu. Eram os espíritos das oferendas sacrificadas, os homens e mulheres que, de acordo com Guwate'ka, haviam adentrado o Mbwiru Eikura preenchidos pela paz.

Mas, se havia algo ausente neles, era serenidade. Os espectros lançavam seus braços sombrios na direção de Benu.

Mesmo sem conseguir ouvir as palavras que proferiam, Benu sentia a confusão que os atormentava trespassá-lo como lanças. As Terras Nebulosas não eram o que as aparições esperavam. Elas se contorciam cheias de incerteza, como se tudo o que sabiam sobre o mundo se houvesse despedaçado.

Era como se tudo em que eles acreditavam fosse uma mentira.

Benu não ousou demorar. Antes de partir, um pensamento o tocou, emergindo como um redemoinho de névoas das profundezas do reino sem forma e proferindo um aviso.

*Cuidado.*

\*\*\*\*\*

— Viver é sacrificar. Sacrificar é viver. — sussurrou Benu para o ar úmido, cercado por corpos pintados. O Igani Bawe havia chegado novamente, mais cedo do que o esperado, e os aldeões das Sete Pedras estavam ocupados, se preparando para a guerra que começaria ao nascer do sol. As batalhas normalmente seguiam as mudanças de estação, mas apenas uma semana havia se passado desde o último Igani.

Benu se sentou com as costas viradas para a fogueira no centro da aldeia, ponderando sobre eventos recentes e observando sua sombra agitar-se no mesmo ritmo em que o fogo tentava agarrar o céu. Guwate'ka e os outros sumo sacerdotes disseram que os espíritos exigiram a guerra em resposta às ações do feiticeiro herege das Cinco Colinas. Mesmo com o silêncio de Benu sobre o assunto, as histórias sobre Zuwadza e seu pupilo caprichoso haviam se espalhado como um incêndio, espalhando-se pelas rotas comerciais que existiam entre os umbaru em tempos de paz. Contava-se até que o herege havia massacrado os próprios companheiros quando eles o encontraram na selva. Por fim, ele e seu mestre desapareceram na selva e não foram vistos nem ouvidos desde então.

Rumores seguiram-se às histórias. Alguns descreveram o feiticeiro errante como um louco que massacrara os guerreiros das Sete Pedras por pura sede de sangue. Outros disseram que o herege comeu a carne dos feiticeiros mortos e se tornou um canibal, um *kareeb*. Tal ato era impensável, pois quem o praticasse seria eternamente banido do Mbwiru Eikura. Benu ignorou todas as histórias, sabendo que eram apenas fofocas e falatório infundado e sem sentido.

— Neste Igani, purificaremos o que foi maculado! — Guwate'ka berrou de seu lugar próximo ao fogo, rodeado pelos outros sumo sacerdotes do clã. — Mostraremos aos espíritos que ainda cremos!

Os aldeões ao redor de Benu urraram em aprovação, mas ele permaneceu em silêncio. O orgulho que sentia pelo Igani estava morto. A clareza de identidade e propósito que o ritual lhe dava estava morta. Restava apenas dúvida, uma perturbação pesada que prostrava-se em seu estômago e o corroía por dentro. Mesmo aqui, em meio ao seu povo, agraciado pelas canções de sua língua, ele não conseguia parar de pensar nos espíritos confusos que ele havia visto no Transe Fantasma. A lembrança deles — e o aviso que o havia alcançado das profundezas — o assombravam acordado e em seus sonhos.

Ele havia imaginado tudo ou aquilo era real? Ele se sentia rasgado, dividido entre a fé nas palavras dos sumo sacerdotes e o crescente desejo de questionar o que eles haviam dito.

Benu fechou os olhos e balançou a cabeça, cheio de desgosto. “Que doença é essa em mim? Os espíritos de Mbwiru Eikura não estão descontrolados. Por que agora, depois de uma vida de clareza, eu questiono os caminhos de meu povo?”

O jovem feiticeiro se virou para o fogo a tempo de assistir Guwate’ka entrar em Transe Fantasma, a luz azul iluminando seus traços. Ele então levantou-se e entrou na dança ao redor do fogo, dizendo para si mesmo que tudo que havia visto eram apenas resquícios da maldição que se abatera sobre sua alma. Os sumo sacerdotes eram infalíveis. A ligação que cultivavam com o Mbwiru Eikura estava além da compreensão de Benu.

Com o suor fazendo seu corpo brilhar, Benu se entregou à música e à dança. Suas preocupações se esvaíram. Por um breve instante, o ritual reacendeu seu orgulho, e ele ansiou pelo honroso combate do dia seguinte.

Subitamente ele sentiu as Terras Nebulosas e seus espíritos o invocando uma vez mais. A sensação era terrível, quase um frenesi. Com o canto dos olhos, ele percebeu movimento em meio às sombras lançadas pelo fogo. Dúzias do que se pareciam com mãos espectrais sombrias se lançavam em sua direção, tentando agarrá-lo avidamente.

“Os espíritos... vieram buscar vingança pelas mentiras que lhes contaram”, pensou Benu, cambaleando feroz e ansioso. Ao olhar novamente para o fogo, contudo, não havia nada de extraordinário.

“Minha mente está brincando comigo”, Benu tentou se convencer, ainda incapaz de se livrar do desconforto. O mundo o pressionava, os corpos, a tinta, as penas, tudo se misturava num sufocante mar de cores e som.

Benu se afastou do fogo ainda cambaleando, e se meteu por entre as cabanas vazias, buscando fôlego. Uma mão gélida saltou da escuridão e agarrou seu ombro. Com a agilidade de uma aranha

carniceira, ele se virou sem saber o que encontraria. Lá, com o corpo totalmente banhado pelas sombras, estava uma mulher. Uma mulher bela.

— Benu — disse ela — que estranho você se afastar do ritual nesta noite gloriosa.

— Quem é você? — respondeu Benu com a voz trêmula, ainda se recuperando do susto.

— Eu sou Adiya, mulher de Guwate'ka.

Benu baixou os olhos em respeito, pois não era digno de deitá-los sobre a mulher de um sumo sacerdote. Elas raramente deixavam suas cabanas, mesmo em ocasiões cerimoniais.

Adiya segurou levemente o queixo de Benu, o levantou até que seus olhares se encontraram e disse:

— Você tem permissão para olhar. Eu vim ver se os espíritos disseram a verdade sobre você...

— O que? — Benu começou a falar, mas Adiya pousou os dedos sobre sua boca gentilmente, silenciando-o.

— Eles dizem que algo o incomoda. Um tipo de doença. Eu também vejo.

Benu afastou os olhos, perturbado pela descoberta de que alguém de seu clã sabia da confusão que o atormentava.

— Não se envergonhe. Você está em boa companhia aqui. Os sumo sacerdotes creem que sou uma curadora. O veneno que invade sua mente pode ser expurgado — disse a mulher.

— E você me curaria?

— Sim — assegurou ela, com uma energia indefinível, cheia de amor. Adiya acariciou o braço de Benu e tomou a palma suada do jovem.

— Venha.

Benu não resistiu, atraído pela confiança da mulher. Quando as luzes da aldeia haviam se tornado distantes e intocáveis como as estrelas, Adiya parou e fez um gesto para que o jovem feiticeiro se ajoelhasse sobre uma esteira. Diante dele estavam dispostos objetos que lhe eram muito familiares: a tinta que passava sobre o corpo, sua adaga cravejada de joias, sua temível máscara adornada com as penas e o chifre que a tornavam uma carranca inumana, poções e talismãs.

Adiya parecia ser apenas um pouco mais velha que Benu. Ela era sedutora, forte mas ainda assim suave e de quadris bem definidos. Sua face beijada pelo sol era rica em cores como a casca da mais bela árvore bary. O vento constantemente alisava a plumagem silvestre presa aos grilhões de metal em seus pulsos e tornozelos.

— A tinta — disse ela, tomando na mão direita um punhado da pasta granulosa — da medula das mais terríveis feras da selva. Que ela lhe ofereça coragem quando você encarar seus inimigos. — Adiya espalhou a mistura fria na face de Benu.

— A adaga, letal como o beemote de onde se desprende. Com precisão e cuidado você guiará seu fio sedento. — A mulher prendeu a arma ao lado de Benu.

O feiticeiro congelou quando Adiya se inclinou para a frente. Os lábios de ambos se tocaram antes que ele pudesse se virar:

— Um beijo, para mostrar que somos um só nisto — completou Adiya.

— Uma máscara, o sangue derramado pelos pesadelos de nossos antepassados. — Adiya prosseguiu ao levantar a carranca de madeira e colocá-la no rosto de Benu. — para afastar os espíritos que conspiram contra nossa boa caçada.

Adiya o encarava diretamente:

— A honra é mais do que uma morte vazia em batalha.

Os olhos de Benu piscaram com a insinuação:

— Não há morte vazia no Igani.

— É nisso que você acredita ou foi isso que lhe ensinaram? — perguntou Adiya. — Os espíritos dizem que você trilha dois caminhos e vacila entre seus destinos. De um lado, eternamente um filho das Sete Pedras, em busca de uma graça que os sumo sacerdotes não podem oferecer. Do outro, um fogo selvagem, impiedoso e brilhante, trazendo vida e renovação a estas selvas estagnadas. Amanhã você deverá escolher.

Suas palavras estavam no limite da heresia, mas Benu não podia ignorar que, de alguma maneira, elas refletiam sua confusão interior:

— Qual deles é o certo? — perguntou. — O que há de bom em cada um?

— Dar essas respostas não é trabalho meu. Eu apenas aconselho. Mais saiba que os espíritos estão inquietos. Eles dizem que nós umbaru não somos mais únicos, ou dignos de celebração. Eles dizem que nós mentimos para nós mesmo ao dizermos que nossos sacrifícios são em benefício de todo nosso povo. Eles dizem... — Adiya hesitou. — Não, não é trabalho meu. Não sou uma suma sacerdotisa.

— Diga, eu não a julgarei. — Benu se equilibrava nas pontas dos pés, arrebatado.

Adiya sussurrou, quase inaudivelmente:

— Eles dizem que nós somos *cegos*.

O coração de Benu bateu mais rápido quando a memória do feiticeiro herege inundou sua mente.

— Os sumo sacerdotes agem como se falassem com os espíritos o tempo todo, mas isso não é verdade — continuou Adiya. — Muitas vezes Guwate'ka e seus iguais têm nada mais que um vislumbre passageiro das Terras Nebulosas. O Igani, as leis que regem nossas vidas, são coisas que existem para que os sacerdotes nos controlem, suprimam o que somos.

— Eu jurei defender nossos caminhos — Benu respondeu sem convicção.

— No Mbwiru Eikura você viu que as coisas não são como dizem os líderes, não?

Benu engoliu seco, sem saber se era seguro falar sobre o que havia testemunhado:

— Eu vi muitas coisas nas Terras Nebulosas. Algumas verdadeiras, algumas apenas interpretações. Assim é a natureza do reino de lá.

Adiya comprimiu os olhos e encarou os de Benu. Sua boca se abriu num sorriso largo, e ela bateu palmas, satisfeita:

— Sim! Você *realmente viu* algo. Os espíritos disseram a verdade.

Subitamente os dois ouviram vozes se aproximando, ecoando entre as cabanas. Dois homens caminhavam nos limites da aldeia. Adiya agachou, e Benu fez igual. Arrepios percorrem a pele do jovem com o mero pensamento de ser pego não apenas com a mulher do sumo sacerdote, mas questionando os ensinamentos dos reverenciados líderes. Mas em instantes os dois homens já haviam passado, continuando seu caminho.

— Eu conheço o preço de estar em sua posição. Eu sei o fardo que você carrega como feiticeiro. — disse Adiya, franzindo a testa ríspidamente. — É uma escravidão silenciosa. Eu o procurei com a esperança de libertação, de que você mude nossos caminhos.

Benu fitou a adaga a seu lado, e lembrou-se da máscara em seu rosto:

— Eu não compreendo. Por que você me ajuda na preparação para o Igani se não crê nos caminhos antigos?

— Para ver o caminho certo, você primeiro deve olhar para o errado. Ao amanhecer, você participará da colheita como foi ensinado, mas de olhos abertos. Foi o que os espíritos disseram.

Adiya deu um passo para trás e examinou o trabalho:

— Diante de mim não está um homem, mas um feiticeiro. Um guerreiro do Mbwiru Eikura. Um campeão, não um servo. Nunca se esqueça disso.



Benu levantou-se, sua mente um turbilhão de mudanças severas. As novas possibilidades de aprendizado o fortaleceram — ele tinha um *propósito*. Ao contrário dos últimos dias, o sentimento era de completude.

— Boa caçada — disse Adiya.

\*\*\*\*\*

Horas depois, os grupos do Clã das Sete Pedras partiram por entre as árvores e as vinhas de sua selva natal. Benu foi sozinho, esperando que a solidão mantivesse sua mente límpida. Dois cães magros e sem pelos o seguiam, criaturas sobrenaturais perversas e eficientes, nascidas de carniça e magia umbaru antiga.

A cada estação, logo após o Igani, as carcaças das oferendas eram preenchidas com compostos de ervas e folhas secas e, por fim, cuidadosamente costuradas na forma de cães. Crânios descarnados de feras faziam as vezes de cabeça, costurados logo acima de uma juba de penas. Com a benção dos espíritos, esses zumbis serviam como leais lacaios, prontos para obedecer as ordens dos feiticeiros.

Os sumo sacerdotes haviam presenteado Benu com dois deles antes de seu primeiro Igani, mas ele jamais os havia usado. O orgulho havia feito com que ele tomasse parte no ritual armado apenas de sua sagacidade e sua força. Agora, ele pensava apenas em sobreviver. Seus cães haviam sido batizados Chena e Owaze — na língua umbaru, febre e voo. Na mata densa e sobre o chão coberto pela vegetação, os dois avançavam em perfeita sincronia, correndo ao ritmo das batidas de corações fantasma.

Uma gargalhada estridente explodiu em meio às folhas, incógnita. Chena e Owaze se detiveram, lançando olhares perscrutadores em todas as direções. Detendo-se, Benu girou em busca da origem do som e, ao sacar a adaga, ouviu novamente o som esganiçado.

A voz gargalhou outra vez. Na escuridão da selva, as sombras ocultavam tudo. Inesperadamente, uma bolsa pequena, do tamanho da mão de uma criança, caiu do dossel verde sobre sua cabeça. Benu instintivamente desviou, pois havia aprendido a temer as mil maldições que poderiam estar contidas mesmo em algo tão pequeno.

Seus cães, contudo, não evitaram o objeto. Atirando-se na direção da bolsa como se fosse um osso fresco, as feras rasgaram-na, liberando uma nuvem de pó verde e repugnante. Os cães afastaram-se trôpegos, desorientados. Sem tempo para reagir, Benu apenas observou a cena e imaginou o que haveria se abatido sobre as criaturas, enquanto elas tentavam se recompor.

A voz desconhecida gritou um encantamento rápido, "*Gowaia fen! Bo'ta!*", e o chiado de um pequeno chocalho a acompanhou. Isto clareou a mente de Benu. Juntos, o feitiço e a bolsa eram uma tentativa canhestra de controle mental. Para ele ou para qualquer feiticeiro com algum treinamento não havia perigo real, mas os cães eram criaturas simples, de vontade fraca.

— Covarde! — gritou Benu.

Chena e Owaze rosnaram com suas bocas descarnadas e atiraram-se na direção de seu mestre. Dentes e garras roçaram na pele de Benu que as vestes cerimoniais deixaram exposta.

Esquivando-se da selvageria, o feiticeiro agarrou uma cabeça tratada com magia e óleos incendiários presa em seu cinto. O objeto voou na direção de seus servos, e o fogo teve início ao menor contato com o alvo. A efígie carregada de dor do que outrora fora um homem brilhou vivamente, engolfando os cães. A chama furiosa agitava-se e cerceava as duas feras que, impassíveis e irrefreáveis, não sucumbiram.

Benu evadiu-se quando Chena e Ozawe retomaram o ataque, e lançou uma contramaldição melódica. Fagulhas de energia azul acumularam-se em sua boca e foram lançadas contra os cães, o que se mostrou ineficaz contra o feitiço da voz sem corpo. E mesmo que Benu pudesse evitar os cães, ele sabia que seu inimigo estava preparando outro ataque.

Render-se seria respeitar a ordem natural das coisas. Assim os umbaru haviam feito por anos. Ele, no entanto, não compreendia a desistência voluntária.

"A vida deste reino não deveria ser extirpada tão facilmente. Não há razão para este sacrifício... este Igani", o herege havia dito. As palavras não soaram tão desonradas quanto antes.

Benu apertou a adaga entre os dedos, desesperado por uma oportunidade de atacar. Com Chena e Owaze gemendo a cada passo, a voz acima gargalhou uma vez mais, em satisfação. A garganta de Benu comprimiu-se. Seu peito queimava com a respiração nervosa. Com um movimento, ele cortou o couro de Chena e viu Owaze saltar em sua direção. Um mergulho na vegetação rasteira evitou o pior, e os cães o cercaram, prontos para atacar.

Sem aviso, a relva esmeralda atrás de Owaze abriu-se, revelando uma filha das Sete Pedras em seu emplumado traje completo, uma visão temível. Quatro chifres nodosos ascendiam da máscara, coroados por plumas de um carmesim profundo. A mulher espalmou as mãos em frente aos lábios, visíveis por um corte em forma de cunha na máscara, e em meio a uma tosse longa e gutural, vomitou uma nuvem de gafanhotos que agitou nervosamente as árvores acima.

O feiticeiro que se escondia gritou, e os cães mandingados tombaram pesadamente, ainda em chamas.

Num instante os insetos encontraram o alvo, tomando-lhe o esconderijo e o equilíbrio. Uma queda. Um grito de dor. Um corpo sem vida sobre o chão coberto de trepadeiras. Com a evidente vitória, os gafanhotos espalharam-se em todas as direções e sumiram como fumaça.

Benu, mesmo grato, não pôde deixar de sentir alguma culpa ao olhar para o corpo no chão. A pele de seu inimigo estava lacerada, repleta de bolhas vermelhas causadas pelas mordidas vorazes do enxame.

— Vê? Outro umbaru morto sem nenhuma razão — disse a mulher de máscara. — Mesmo não tendo sido feitos para este mundo de sombras, devemos fazer o que pudermos para sobreviver nele.

O jovem reconheceu a voz imediatamente e indagou, em choque e repleto de horror:

— Adiya? Você não é uma feiticeira! Por que está aqui?

— Os espíritos convocaram-me para seguir você. Ainda bem que obedeci — respondeu a mulher, erguendo a cabeça.

— As regras do Igani proíbem matar o feiti...

— Regras? — interrompeu a mulher, rosnando. — Você fala de regras depois de ter visto tudo que viu? O Mbwiru Eikura não é algo ganho, é o destino de todos os umbaru. Você sabe disso. Os sumo sacerdotes deram início a esse jogo. O herege das Cinco Colinas, ele viu a verdade. Por que você insiste em negar?

— Eu... — Benu quis retrucar, mas não tinha argumentos a oferecer. Ao menos nenhum em que acreditasse de fato. O herege estava certo.

Inundado por um vagalhão de emoções, Benu abraçou Adiya e suas palavras. Mais que apenas desejo, era a excitação de desobedecer as rígidas leis dos sumo sacerdotes. À luz que emanava dos restos de Chena e Owaze, Benu removeu a máscara de Adiya e gentilmente delineou seus lábios com o dedo, beijando-os repentinamente. Ao se afastar, disse:

— Para mostrar que somos um só nisto.

Um impulso advindo das Terras Nebulosas emergiu quando Adiya sorriu intencionalmente. Ela fechou os olhos convidativa e Benu, livrando-se das inquietações, atirou-se. No momento em que seus lábios se encontraram, foram surpreendidos pelos gritos e uivos de um bando de umbaru mascarados que saltou da mata que os cercava. Um momento de distração foi o suficiente para impedir que os dois membros do Clã das Sete Pedras antevissessem o perigo.

Os gritos de morte do inimigo e o brilho que emanava do que antes foram os leais cães de Benu havia atraído a atenção dos feiticeiros da Tribo do Vale Nublado.

\*\*\*\*\*

Solenidade era tudo o que Benu demonstrava enquanto os captores o levavam na direção do crepúsculo que se iniciava. O lar dos Vale Nublado surgiu diante do grupo. Aos olhos do jovem prisioneiro, era exatamente igual à aldeia dos Sete Pedras. Cabanas com telhados de palha se amontavam ao redor de uma área central aberta, onde queimava uma fogueira. No chão, jarros manchados de sangue, sedentos das oferendas que logo os preencheriam.

Benu não celebrou o *Te Wok Nu'cha*, profundamente contaminado pelo desejo de vida de Adiya. Mesmo agora, o olhar ávido dela o convocava para desafiar a tradição e atacar seus captores, um ato proibido, impensável.

A caça dos Vale Nublado havia rendido apenas três cabeças: Benu, Adiya e um feiticeiro ancião chamado Edwasi. Ao se aproximar da fogueira, o grupo foi recebido por aqueles que participariam da cerimônia, enquanto outros aldeões entoavam cantos, tocavam tambores e dançavam, como mandava o ritual.

Sem máscaras ou armas, os três foram deitados em mesas baixas numa cabana de paredes cobertas de grama, e então besuntados com óleos cítricos. Em seguida, uma linfa foi espalhada sobre seus corpos, um agente que protegeria seus corpos do apodrecimento da morte durante as próximas horas. Em outro canto da cabana, o grisalho Edwasi respirava fundo para controlar a ansiedade.

Da mesa ao lado, Adiya encarou Benu com um olhar impotente, esticando a mão em sua direção. Um sentimento ruim tomou conta do feiticeiro.

Com o fim do trabalho, os ritualistas partiram e a porta da cabana permaneceu aberta para que entrasse um homem grande, musculoso, carregando uma foice de osso em forma de crescente. Benu não sabia seu nome, mas os impressionantes adornos em sua cabeça sinalizavam que tratava-se de um feiticeiro ancião. Atrás dele estavam outros de sua casta, decorados com penas coloridas e segurando bonecas de mojo.

O sumo sacerdote que conduzia o ritual fez um sinal com a cabeça e recuou, saindo da cabana. Dois homens usando saias entraram e agarraram Edwasi pelos pulsos. O velho feiticeiro não ofereceu resistência e caminhou com as escoltas para fora, onde foi entregue ao sumo sacerdote. Edwasi havia aceitado seu destino.

Pela porta aberta, Benu observou a cerimônia como se a visse pela primeira vez. Os participantes repetiram as mesmas ações que ele havia visto em Iganis por toda a vida. Palavras foram ditas, e o sangue de Edwasi foi derramado. Seus órgãos foram recolhidos em jarros e os outros aldeões continuaram a cantar. Tudo era como sempre havia sido. Para o jovem feiticeiro, no entanto, era como se não houvesse mais sentido algum.

— Nós umbaru cobrimos nossa violência sem sentido com melodias vibrantes — fustigou Adiya.

A essa altura, Benu presumiu, o espírito de Edwasi havia deixado este mundo. A imagem dos fantasmas confusos que vira no Mbwiru Eikura subitamente invadiu a mente do jovem feiticeiro, despedaçado pela compreensão de que as coisas não eram como ele havia sido levado a crer.

— Uma vida interrompida, por quê? — sibilou Adiya. — Nós não precisamos seguir este caminho. Há outra saída.

O coração de Benu disparou, e sua mente rodopiou:

— Eles são muitos, e nós somos apenas dois. Que saída teríamos?

— Nós oferecemos satisfeitos carne umbaru para os espíritos, mas somos proibidos de comê-la. Você já questionou o porquê?

Benu rechaçou a ideia:

— *Kareeb* são amaldiçoados pelos espíritos!

— Mais histórias inventadas pelos sumo sacerdotes. — Adiya sacudiu a mão em rejeição. — Na companhia de meu marido, ouvi segredos. Lendas afirmando que ingerir carne de feiticeiro abriria o caminho proibido para a divindade. Mentiras foram criadas para que a verdade nunca fosse descoberta. Mas você, campeão, é sábio e poderia ter este poder em suas mãos. Com ele, você poderia reformar nossa cultura devastada. Ninguém poderia impedi-lo.

Benu encarou os olhos impositivos e sinceros de Adiya.

— Quando nossos carrascos se aproximarem, desafie-os — sussurrou Adiya. — Acompanhe-me, e os umbaru florescerão numa era de verdadeira iluminação, não de escuridão.

Os homens de saia voltaram, os braços e peitos cobertos pelo massacre. Ao esticarem as mãos na direção dos pulsos de Adiya, o que encontraram, inesperadamente, foi fúria bestial.

A mulher pulou sobre a mesa e saltou, agarrando a cabeça de um dos homens e aproveitando o impulso para girá-la. Um estalo revelou que seu ataque havia obtido sucesso. Antes que a outra escolta pudesse reagir, as mãos geladas de Adiya agarraram sua nuca e empurraram sua cabeça para baixo, de encontro ao joelho que subia na direção de seu nariz. O homem caiu, imóvel.

Benu não conseguia acreditar no que havia acontecido, e era incapaz de conceber a velocidade e a precisão com que o ataque fora executado. Ele nunca havia visto ou sequer ouvido falar de tanta ferocidade. Agarrando sua mão, Adiya puxou o aturdido feiticeiro enquanto ambos irrompiam da cabana.

Os aldeões do Vale Nublado permaneciam imóveis, indignados. Ao passar pelo sumo sacerdote que haviam visto antes, e que, apesar de armado, só conseguia assistir estupefato, Adiya alcançou os jarros que continham os órgãos de Edwasi. Uma a uma, ela arrancou as tampas enquanto a multidão se afastava, amaldiçoando as ações da mulher e sem saber o que fazer.

— Está vendo como eles são patéticos e dependentes de regras? — perguntou ela. — Os umbaru são fracos. Nós matamos e morremos não por honra, mas por medo.

Num jarro azul, Adiya encontrou o que procurava: o coração imóvel e ainda quente de Edwasi. Trazendo-o até perto do rosto, a mulher exclamou:

— Somos maiores que as injustiças às quais resistimos.

Com uma mordida, desferida como se fosse uma fruta madura, o coração esguichou sangue como se ainda provesse vida. Gritos dos aldeões ecoaram por todo o vale, pois eles nunca haviam testemunhado tal sacrilégio.

Adiya engoliu um bocado, enervando ainda mais os observadores, e o desconforto geral trouxe um sorriso aos lábios da jovem. Ela começou a tremer e, inesperadamente, uma luz violeta irrompeu de seu corpo, iluminando o céu cinzento e as estruturas simplórias ao redor. Os que estavam mais

próximos dispersaram-se, assustados e desesperados em busca da segurança da qual desfrutavam momentos atrás.

Olhando furiosamente para a tribo em fuga, Adiya gritou, o que convenceu o sacerdote ancião a largar a foice e fugir desajeitado. Satisfeita com a solidão, virou-se para seu pretense amante e o viu imóvel. A forma da mulher permanecia inalterada, mas seu corpo eriçava-se de poder.

— Una-se a mim — gritou a voz feminina amplificada, que ecoou em todo o vale. — Mate o servo em você!

Ela então ergueu a mão radiante e estendeu o coração mordido para Benu. Este, ele compreendeu, era o momento do qual ela havia falado.

Os membros da Tribo do Vale Nublado, tendo superado o primeiro choque, gritavam ao redor. Benu sabia que eles logo atacariam. Muitos estavam armados com adagas e lanças.

Ele hesitou. Era a promessa de uma nova vida, livre de mentiras, livre de guerras insensatas e do peso das tradições. Ele se lembrou de tudo que havia visto e sentido: os espíritos atormentados nas Terras Nebulosas, o aviso, as súplicas no Mbwiru Eikura, o feiticeiro herege que havia se rebelado contra os antigos caminhos...

Mas aquele homem não havia sido um *kareeb*, e não havia lutado. O próprio Benu havia atacado antes, e tornado o derramamento de sangue inevitável. O herege havia desafiado as leis para poupar o mestre, para salvar uma vida, não para se tornar um deus entre homens.

O chamado insistente das Terras Nebulosas retornou aumentado mil vezes, quase derrubando Benu.

— Com isso você poderá refazer o Teganze! — uivou Adiya. — Nunca mais a vida será desperdiçada sem razão. Nunca mais as mentiras envenenarão os corações de nosso povo!

Observando os rostos dos aldeões do Vale Nublado, Benu foi preenchido por uma profunda sensação de clareza. Estas pessoas estavam enganadas sobre os caminhos, isso estava claro, mas



elas não eram o inimigo. Ele não sentia desejo de lutar contra elas, pois este não era o caminho da verdade. Ele desejava apenas esclarecê-las.

— Não posso — respondeu Benu.

Adiya esmagou o coração em sua mão enquanto raios de energia saltavam coléricos de seu corpo, atirando Benu no chão com uma força incompreensível.

— Imundo — gritou ela — covarde!

Lutando para ficar de pé, desorientado e com a visão turva, Benu não podia mais ignorar o chamado dos espíritos. A morte se aproximava, e os ancestrais exigiam uma audiência. “Deve ser um sinal”, ele pensou.

Rangendo os dentes para se concentrar, o feiticeiro entrou em Transe Fantasma. Lágrimas de um azul leitoso escorreram de seus olhos. A cada gota que escorria por seu rosto, o véu do reino das sombras se rasgava mais, revelando a topografia quimérica das Terras Nebulosas. Seu coração começou a trovejar. Seu olhar estava perdido, até surgir a luz fraca de milhares de olhos brancos e gizados em seres de pura escuridão.

No meio da multidão, uma figura solitária estendeu o braço sombrio para Benu. Um pensamento se formou em sua mente, um sentimento.

— Venha.

Benu trepidava apreensivo enquanto caminhava na direção do espírito.

— Você é Benu, disse eu sei.

Benu permaneceu imóvel. Os espíritos jamais haviam *falado* com ele, nunca haviam se comunicado com tanta clareza.

— Você se afasta da verdade. A verdade é esta: as Terras Nebulosas não são como pregam os sumo sacerdotes. Aquele que você chama herege sabia, e por isso desafiou a lei.

Imagens se contorciam e piscavam diante de Benu como fumaça e relâmpagos. Ele vislumbrou o dito herege caminhando por terras estranhas que o jovem feiticeiro não conhecia. Uma estrela cadente cortou o céu noturno, e Benu a seguiu até o ponto em que ela atingiu a terra, numa pequena cidade assolada pelo mal.

— Se sabia, por que ele partiu? Por que não ensinou aos seus?

— Todos os umbaru trilham seus próprios caminhos. Dois nunca são iguais. Ele ensinará de uma maneira, e você de outra. Você, Benu, caminha entre o reino das sombras e as Terras Nebulosas como se houvesse nascido no limite entre eles. Esta ligação se provará sua maior arma.

— O que você deseja que eu ensine?

— A vida no mundo das sombras é preciosa, e não deve ser desperdiçada. As guerras entre umbaru não beneficiam as Terras Nebulosas. O Mbwiru Eikura é uma terra eterna. Há tristeza como há alegria aqui, assim como em seu mundo. Estas são as verdades que você ensinará.

— Eu vi isso ao observar os espíritos sacrificados durante o Igani — respondeu Benu.

— Você viu, mas não acreditou.

Benu não tinha palavras. As palavras cortavam, por serem verdadeiras.

— Há ainda outra verdade. — O fantasma se moveu por sobre o ombro de Benu. O véu entre os mundos enfraqueceu e Benu viu Adiya parada no tempo, congelada em sua ascensão.

— Ela é Adiya — disse Benu — mulher do sumo sacerdote mais velho de nosso clã. Ela é uma *kareeb*, e assim sendo, uma divindade.

— Ela não é uma deusa. — Os olhos imóveis da figura demonstraram desaprovação. — Ela é um demônio.

Com estas palavras, o corpo de Adiya derreteu e, num desafio às leis da realidade, reconstituiu-se revelando uma criatura horrivelmente diferente. Diante de Benu, o torso nu que outrora havia pertencido à mulher repousava sobre incontáveis tentáculos, cada um coberto com incontáveis bocas cobertas de bile. Três chifres surgiram em meio aos seus cabelos e, no lugar do queixo, escancarava-se um orifício pulsante e sedento, ansiando pela nova refeição.

— Demônio... — O jovem estremeceu. Ele havia ouvido sobre eles, males antigos nascidos das eras e além da compreensão, mas nunca havia visto um.

— O demônio sentiu sua dúvida e foi atraído para nossa selva sagrada.

— Com que propósito ele me assombra?

O espírito levantou o braço, conjurando novas imagens, e Benu viu a si mesmo comendo o coração. A despeito dos clamores de Adiya, isso não concedeu a ele poderes divinos. Nada aconteceu. A visão espectral se transformou novamente para mostrar Benu banido das Sete Pedras, deixado para vagar o Teganze como um *kareeb*, sozinho e desamparado, consumido pela tristeza e pela vergonha. O tempo todo, Adiya o acompanhava.

— Ele teria feito você consumir o coração e abandonar tudo o que é. Só depois você teria percebido o grave erro cometido. Nos anos por vir, a criatura teria se refestelado de seu espírito atormentado como fez com incontáveis outros. Mas ao ser tentado pelo demônio, você recusou a oferta. Por quê?

— Nós umbaru não somos fracos nem amedrontados, como o demônio disse. Nós trilhamos os caminhos antigos por honra e orgulho. Lutar contra os que se agarram às tradições não resolveria nada. Eu preciso ensiná-los.

Desta vez os pensamentos vieram das figuras ao redor, como se todos se comunicassem em uníssono.

— Sim. Cego é como você estava, mas não mais. Diante de nós está um preceptor. Um líder espiritual e um curandeiro. Um guerreiro que defende a vida mas sabe da necessidade da morte. Diante de nós está um feiticeiro.

— E o demônio? — questionou Benu.

Apenas o espírito que liderava respondeu:

— Você foi quem o trouxe aqui. Você é quem deve expulsá-lo. Grande é a tarefa, mas lembre-se sempre que os espíritos estão aqui para guiá-lo. Nós estamos eternamente ligados a você pelas Terras Nebulosas.

Benu baixou a cabeça:

— Obrigado...

Subitamente as Terras Nebulosas sumiram num clarão. O jovem abriu os olhos como se acordasse de um sonho.

Adiya se aproximava, e ele ouvia o som de serpentes se contorcendo na lama. Pelo canto dos olhos, viu a verdadeira forma da mulher, como havia visto nas Terras Nebulosas.

Com um salto, o feiticeiro evitou um dos tentáculos da criatura, que chicoteou num arco. O tentáculo percorreu o ar outra vez e partiu os corpos de dois umbaru que haviam se aproximado. Enquanto os outros aldeões fugiam, o demônio gritou, emanando ondas de energia com seu corpo.

As ondulações derrubaram Benu, que foi atirado contra uma formação rochosa. Ele se esforçou para pôr a cabeça no lugar enquanto rolava para o lado. Alguns aldeões tentaram se defender, atirando flechas e atacando com adagas cerimoniais. Adiya, incontrolável na nova forma, facilmente repeliu os ataques.

Os aldeões estavam prestes a morrer. Ele estava prestes a morrer.

O demônio avançou contra os aldeões, que se defendiam como podiam. Ondas de energia violeta fluíam de seu corpo, arrastando cabanas e atirando corpos umbaru para o ar como se fossem bonecas de mojo. Os tentáculos de Adiya se enrolavam em pescoços, pernas e torsos. As bocas imundas devoravam carne e ossos.

O feiticeiro marchou na direção da criatura, apanhando do chão afoice abandonada pelo sumo sacerdote e uma lança, e berrou:

— Demônio! Parta já deste lugar! — Benu arremessou a lança, que voou alto mas mal tocou o ombro de Adiya. Ainda assim, foi o suficiente para despertar a ira demoníaca.

A criatura atirou para os lados corpos sem vida perdidos em meio aos seus tentáculos e se virou. Os defensores do Vale Nublado arriscavam olhar de trás das cabanas em que se escondiam. Como Benu esperava, eles aproveitaram a oportunidade e partiram em pequenos grupos, desaparecendo na segurança da densa floresta.

Benu rasgou a palma de uma das mãos com a lâmina e cerrou o punho, extraindo ainda mais sangue do ferimento:

— Eu sou Benu do Clã das Sete Pedras! De mim flui o poder de meu povo!

— Seu povo o abandonou! — A gargalhada horrenda do demônio ecoou. — Você está sozinho!

— Eu estou eternamente ligado às Terras Nebulosas. Eu sou a ponte viva do Mbwiru Eikura. Ao meu lado estão os espíritos do reino do além. Eles me guiam sempre com sua sabedoria. E às vezes...

O feiticeiro abriu a mão e atirou sangue na direção do demônio. As infinitas bocas de Adiya espumaram e salivaram com o cheiro da próxima refeição.

— Ajudam concedendo-me força!

Uma energia verde clara explodiu e acumulou-se ao redor de Adiya. Num instante, uma centena de braços sobrenaturais surgiram, se estendendo através do véu que separa este mundo do Mbwiru Eikura. Os membros furiosos arranhavam e agarravam o demônio, privando-o de sua carne.

Antes que Adiya fosse totalmente rasgada, magia explodiu de seu corpo, dissolvendo os braços espirituais em fagulhas e fumaça cor de jade. Um tentáculo enrolou-se no pescoço de Benu e o

arrastou até que seu rosto estivesse a alguns centímetros da boca pulsante na cabeça do monstro, banhando-o em hálito pútrido.

Benu se debatia enquanto as bocas no tentáculo mastigavam seu pescoço e penetravam ainda mais fundo, devorando toda a carne e todo o sangue que tocavam. A dor minava as forças do feiticeiro, e a foice que escorregava por seus dedos era uma memória distante. Reunindo as últimas reservas de vida que tinha, Benu apertou com força a empunhadura da lâmina e chutou o peito do demônio, que recuou pouco, mas o suficiente para o jovem umbaru aproveitar a abertura.

A lâmina penetrou na testa do inimigo, e Benu fez ainda mais força para empurrá-la até que atravessasse a cabeça do demônio. Um olhar de surpresa instalou-se nos olhos inumanos antes que o corpo demoníaco tombasse como uma árvore bary pega por uma violenta tempestade. Tentáculos serpentearam no ar, atirando o feiticeiro para o lado.

A coisa chamada Adiya murchou e enrugou-se, sem vida.

O mundo em volta de Benu pareceu se desacelerar enquanto ele se deitava de costas, sentindo o sangue jorrar de seu pescoço. As árvores que cercavam a vila dançaram com uma suave brisa. As vozes dos pássaros e das feras ecoava na selva. O sol sumia no horizonte, o que significava o fim de outro Igani.

Enfim, a morte abraçou o jovem feiticeiro. A princípio ele lutou, confuso com o que o havia trazido a este ponto, temendo que as pessoas nunca aprendessem o que ele havia aprendido. Mas antes que seu coração batesse pela última vez, ele se lembrou das palavras dos espíritos...

— Você, Benu, caminha entre o reino das sombras e as Terras Nebulosas como se houvesse nascido no limite entre eles. Esta ligação provará ser sua maior arma.

... e descansou em paz.

\*\*\*\*\*

Os feiticeiros do Clã das Sete Pedras sentaram ao redor da fogueira, se preparando para o Transe Fantasma. Menos de uma semana havia se passado desde o último Igani. Todos haviam ouvido a história de Benu, e sobre sua luta contra o demônio. Se as histórias fossem verdadeiras, ele havia se sacrificado para salvar a Tribo do Vale Nublado.

Rumores seguiram-se às histórias, como sempre. Assim eram as coisas. Do Vale Nublado vinham notícias de que Benu havia desafiado as leis do Igani, e até de que ele era um *kareeb*.

Os sumo sacerdotes das Sete Pedras falaram da fúria dos espíritos em relação a estes eventos. Mesmo considerando Benu um herói, eles disseram que a presença do demônio havia manchado a guerra ritual.

Assim, outro Igani Bawe foi exigido.

Em busca das bênçãos dos espíritos, os feiticeiros das Sete Pedras entraram no Transe Fantasma. O tempo se desacelerou enquanto eles adentravam o reino de lá. A aldeia desvaneceu, e as energias rodopiantes das Terras Nebulosas se estenderam infinitamente em todas as direções.

Normalmente, cada guerreiro via e ouvia diferentes espíritos, quando viam e ouviam alguma coisa. Desta vez, contudo, todos viram a mesma figura, negra como piche. Os pensamentos do espíritos condensaram-se em palavras em suas mentes, límpidas como cristais e afiadas como adagas.

— Vocês estão cegos.

Os feiticeiros não tinham certeza de como lidar com a acusação inquisidora do espírito. Alguns se desculparam e pediram perdão. Muitos saíram do transe, com medo de que tivessem feito algo para enfurecer os espíritos.

Aqueles guerreiros não estavam prontos, mas outros estavam.

— O que você quer que nós vejamos? — perguntaram os poucos feiticeiros restantes.

— A verdade. Vocês podem morrer neste Igani. E por quê?

— Para honrar você e os seus — respondeu um dos guerreiros.

— Os sumo sacerdotes ordenam. É meu dever como feiticeiro — disse outro.

— Viver é sacrificar. Sacrificar é viver — acrescentou um jovem guerreiro.

O espírito se aproximou do último que havia falado, pensando sobre o que havia sido dito. Uma vez, no outro mundo, ele havia usado essas palavras como armadura e as empunhado como armas. Mas vidas não deveriam ser perdidas tão facilmente, tão desnecessariamente.

— Eu não quero seu sacrifício. Esta terra não precisa dele.

Confusão e desconforto emanaram do jovem feiticeiro. Ele hesitou e disse:

— Então o que você quer de mim? O que há além de sacrifício?

— Vida.

No fim, apenas o jovem guerreiro havia permanecido no transe, mas o espírito, outrora chamado Benu, não nutria nenhum sentimento ruim a respeito dos que haviam partido. Mesmo que levasse dias, semanas ou mesmo anos, ele os guiaria à iluminação. Todos os umbaru trilharam seus caminhos até a verdade. Dois nunca foram iguais.